

## O impacto da desinformação na democracia: Diário de uma jornada de trabalho na Assembleia da República

Os dois últimos dias do mês de maio trouxeram jovens de todo o país à Assembleia da República (AR). A Casa da Democracia Portuguesa acolheu mais uma Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens, edição Secundário, lançando as questões associadas às *fake news* e respetivo impacto da desinformação na democracia como tema de debate central. Integrado no círculo eleitoral de Beja encontrava-se um grupo de cinco alunos e dois professores da Escola Secundária de Serpa.

### Dia 1: Segunda-feira, 30 de maio

9:30 da manhã. Beja é um dos pontos de encontro. Apresentações e breves cumprimentos marcam o ambiente. A viagem de autocarro embala partilhas e discussões. O grupo segue animado!



Chegada à AR

A chegada a S. Bento assinala-se com um breve lanche. Quando o ponteiro atinge as 14 horas, iniciam-se os trabalhos. Os deputados dirigem-se para as respetivas comissões, espaço de debate, tanto na generalidade como na especialidade. Os jornalistas reúnem-se, recebendo orientações acerca das atividades. Voltarão a encontrar as respetivas comissões após uma breve visita às principais salas da Assembleia.

É nas comissões que se faz sentir tensão! A fulminante troca de perspectivas pauta o ambiente. O decurso do debate traz vários consensos, conduzindo à fusão de medidas e conjugação de pontos de vista. Na primeira comissão, o deputado do círculo eleitoral de Faro resume a conclusão que parece gerar maior concordância: “A penalização não é, efetivamente, o caminho a seguir” em matéria de *fake news*.

Terminada a fase inicial, o deputado Miguel Gregório, pertencente ao círculo eleitoral de Beja, manifesta-se a respeito do resultado do debate, realçando que “apesar de terem sido as nossas as medidas eleitas, esta escolha engloba um pouco de todas as apresentadas”.

Simultaneamente, as atuações do projeto Euroescolas espelham a problemática das redes sociais e as suas implicações sobre a democracia.



Parte da comitiva serpense



Trabalhos numa comissão

Com os trabalhos a bom ritmo, após uma breve pausa, as comissões voltam a reunir, no sentido de proceder à redação final do projeto de recomendação e à seleção das perguntas a apresentar no plenário.



Concerto

Sem se fazer notar, chega o final da tarde. Como corolário, as comitivas são brindadas com um momento cultural proporcionado pela *Lisbon Film Orchestra* acompanhando os cantores Patrícia Duarte e David Ripado. Uma hora mais tarde, mais descontraídos, é tempo para jantar, espaço privilegiado para retemperar energias e trocar opiniões.

A deslocação para as unidades hoteleiras marca o derradeiro encerramento do dia. A excitação dá lugar a alguma acalmia e, a seu tempo, cada um abraça o necessário e merecido descanso!

## Dia 2: Terça-feira, 31 de maio

Lisboa amanheceu cedo. Deputados, jornalistas e professores iniciam o seu dia fintando o trânsito e preparando-se para cumprir a agenda estabelecida.

São 10 da manhã. A abertura dos trabalhos fica a cargo de 3 proeminentes figuras da senda política e intelectual portuguesa. Augusto Santos Silva, Presidente da AR, toma a palavra citando Kant e estabelecendo a ponte entre a (des)informação e a filosofia. Na sua perspetiva, o combate à desinformação passa pelo emprego da boa filosofia, boa cidadania. Esta consubstancia-se numa arma pacífica e eficaz, materializando-se como ferramenta para pensar, construir conhecimento e opiniões, formar juízos, sendo, como tal, a razão crítica. Assume que “cada um de nós e nós em conjunto é que pensamos (...) somos sujeitos ativos. Ora, é mesmo isso que quer dizer cidadania”. Há que fazer uso de espírito crítico, ligando filosofia e cidadania, guiando-nos pela seguinte máxima: “desconfia sempre de quem não procura a verdade ou de quem diz que já a encontrou”.

Ana Catarina Mendes, Ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares, realça a importância da democracia e a necessidade de não ter medo de ter voz e opinião próprias. Explica que um político é alguém que trabalha para a *polis*, que a democracia tem a capacidade de, diariamente, mudar a vida dos cidadãos. “Sonhei com mudar a vida de muitas pessoas no meu país”, acrescenta. A tolerância e o respeito pela opinião dos outros



Segundo dia: Sessão de Abertura

são fundamentais, pois a democracia constrói-se pela pluralidade e pela diversidade. Saber distinguir informações fidedignas é o primeiro passo para conseguir refletir criticamente sobre a sociedade, sobre o mundo. A simplificação da realidade é um erro, dada a sua natureza complexa. A procura incessante de respostas é essencial!

Os múltiplos desafios que esperam os jovens nas próximas décadas surgem na voz de Alexandre Quintanilha, Presidente da Comissão de Educação e Ciência. A sua intervenção aflora questões como as mudanças no mundo do trabalho decorrentes das alterações demográficas, os impactos das alterações climáticas, a saúde pública, nomeadamente as “novas” e as “velhas” doenças. Enfatiza a grande necessidade de conhecimento aprofundado, conjugando várias áreas do saber. Apresenta



conhecimento fruto de um trabalho contínuo, nunca garantido. Afirma que a desinformação reforça preconceitos e mina a confiança nas várias entidades: “A democracia deve ajudar a desmontar preconceitos e a reforçar a nossa confiança”.

Uma hora volvida, retomam-se os trabalhos, com um espaço de perguntas a um grupo de Deputados eleitos da AR, representantes de diversas cores políticas. As questões colocadas versam sobre abordagens e perspetivas sobre o panorama

educativo e democrático nacional aliadas ao tema-base. Neste contexto, o método educativo português e respetiva avaliação emergiram como alvo de análise, tendo Porfírio Silva (PS) salientado que “o sistema político tem feito progressos, tanto a longo como a médio prazo. A avaliação dos alunos deve ser equitativa, devendo ter em conta as diferenças dos alunos, valorizando as diversas competências.” Rui Tavares (Livre), perante a proposta de transformar o 12º ano num ano zero de acesso à Universidade, refere que, devido aos constrangimentos do Covid-19, tal implicaria uma mudança no ensino superior.



Deputados do círculo de Beja

No que concerne à política portuguesa e europeia, diversas foram as inquietudes

verbalizadas pelos jovens estudantes. Estas motivaram reflexões sobre temas como: maiorias absolutas e seu impacto potenciador de extremismos, importância do voto, o afastamento do cidadão comum da política dada a carência de sentimento de representatividade efetiva ou incorporação de deputados jovens na Assembleia da República. Vários foram os deputados a explanar visões nestes domínios. Rui Rocha (IL) afirma que “podemos gostar mais ou menos de uma maioria absoluta”, contudo esta integra a democracia, pelo que a vontade dos eleitores deve ser respeitada. Os meios da democracia não se esgotam na maioria absoluta. “O debate democrático não ocorre só no parlamento, o debate físico fora da AR é essencial.” Para João Dias (PCP), “a participação ativa política não se esgota no ato de votar.” O exercício de uma cidadania ativa é essencial, apelando ao espírito crítico e aos jovens enquanto vigilantes da

democracia. Já Porfírio Silva acrescenta a necessidade de interação entre os eleitos e os cidadãos. Não obstante, encara a representação com algo coletivo, conciliando quem saiba discursar com quem detenha competências burocráticas. Devendo haver renovação política e democrática, há dificuldade em preparar os jovens para ocupar cargos de deputados na AR. Joana Mortágua (BE) manifesta a sua preocupação.

A desinformação / *fake news* assumiram a principal pedra de toque que norteou o diálogo. Fernanda Velez (PSD) apresenta a sua visão sobre o aproveitamento político da desinformação em Portugal: “Político não é profissão. Caso contrário, quem exerce cargos políticos afasta-se da sociedade.” Considera que os políticos portugueses não se aproveitam da desinformação e apela à literacia mediática nas escolas para detetar poluição informática. No domínio preventivo, emergiu a pergunta referente à seleção da informação a fim de garantir a objetividade da verdade. Porfírio Silva clarifica: “é importante saber identificar a gradação entre a objetividade e a subjetividade.” Nesta sequência, é questionada a capacidade do Parlamento português para criar legislação de impacto europeu neste domínio e a possível desatualização das ferramentas a nível legislativo que vigoram atualmente. Joana Mortágua explica que o Parlamento nacional “não tem necessariamente capacidade de intervenção europeia, mas tem, sim, capacidade de intervenção na desinformação.” Salaria a desinformação provocada por partidos extremistas, apelando a medidas benéficas para a democracia. Para Fernanda Velez “o combate à desinformação é um debate importante e complexo.” Enfatiza a relevância da sua eficácia e eficiência, passando pela literacia digital e mediática, bem como pela preparação do sistema judicial. “Todos somos poucos para não compactuar com a desinformação”. Na ótica de Rui Rocha é fundamental lidar com o problema “sem esquecer que as *fake news* não são ponto de chegada” e toda a regulamentação tem fundamentos da liberdade de expressão, sendo responsabilidade do cidadão (e não do Estado) procurar informação correta. Rui Tavares complementa estabelecendo a ponte com a cultura: “é importante reforçar o investimento na cultura.” Esta constitui-se um bem em si mesmo, direito essencial para construir informação.

A relação *fake news*/ campanha eleitoral/ fins políticos emerge. Aqui, Fernanda Velez distingue dois tipos de ideias falsas. Destaca as que visam um objetivo, impacto na sociedade que, na política, surge para ganhar algum tipo de vantagem. A deputada considera que os fins não justificam os meios. Rita Matias (Chega) destaca a falta de informação, questionando a independência do polígrafo para atingir uma verdade.

O período da manhã proporcionou, ainda, um refrescante momento de partilha com Alexandre Quintanilha, pautado pela análise dos mais variados temas. Aqui, com magistral simplicidade, o Professor, deixando-se guiar pelas questões colocadas, abre a sua visão do mundo de uma forma natural,

despretensiosa e objetiva. Refere que devemos orgulhar-nos do historial do nosso país no que respeita à mitigação das alterações climáticas. Sublinha que, atualmente, mais de 60% da energia utilizada nas habitações é renovável, constituindo um avanço



Alexandre Quintanilha, conferência de imprensa

extraordinário. Os grandes desafios incluem condicionantes naturais (disponibilidade de água, vento e sol) para produzir energia, a qual pode não chegar para fazer face às necessidades energéticas. Quando confrontado com a utilização de tecnologias no combate às alterações climáticas, assume que a evolução tecnológica é promissora, sendo ferramenta essencial, conjugada com a alteração dos comportamentos, nomeadamente alimentares. Tecnologia capaz de retirar CO<sub>2</sub> da atmosfera, pesquisada por uma empresa islandesa, constitui-se uma expectativa auspiciosa. No que concerne aos jovens e à política, na sua ótica, sobressaem vantagens, principalmente em comparação com as gerações anteriores, onde a discriminação de género e a falta de liberdade de expressão eram fortes condicionantes. Confrontado com a meritocracia do sistema educativo português, afirma que a resposta à questão “Como avaliar?” não é fácil. O sistema atual não é perfeito, mas é difícil apontar uma alternativa eficiente descentrada do “conhecimento que se encontra num papel”. Quando questionado acerca da eutanásia, sensibiliza para a diferença entre qualidade e quantidade de vida.



Terminados os trabalhos matutinos, o almoço afigura-se como um momento de pausa, descontração e reprogramação mental para a última etapa! Esta conhece o seu início às 14 horas, marcando a conclusão do debate, acompanhada da votação final do projeto de recomendação. Também o projeto Euroescolas encontra o seu ponto alto. A entrega dos prémios atribui à Escola Secundária de Serpa o primeiro lugar!



Trabalhos

do círculo eleitoral dos Açores ao afirmar “Contra os canhões marchamos e continuaremos a marchar.”. Esta visão foi enfatizada pela intervenção do deputado Eduardo Alves, Coordenador do Grupo de Trabalho Parlamento dos Jovens da Comissão de Educação e Ciência.

As últimas palavras ficaram a cargo dos representantes da mesa. Estes fizeram uso de emoção para agradecer a oportunidade que lhe foi

Os porta-vozes dos vários círculos eleitorais dão início ao encerramento das jornadas. Como denominador comum, todos assumiram o essencial papel dos jovens na edificação do futuro democrático e a decorrente necessidade de um investimento na sua formação. Foi salientada a importância de encontros desta natureza, ideia demarcada por António Matos,



Encerramento das atividades

concedida. O hino nacional ecoou na sala da AR, colocando o sentido ponto final nos trabalhos.

Como balanço, sobressai um conjunto de jovens unidos no amor pelo saber e por um bem maior. Acalentam a convicção de que juntos podem alcançar a mudança. Sem nunca se resignarem, movidos por um fulminante espírito de vitalidade, abraçam uma causa conjunta: investir no futuro da Democracia!

Margarida Apolinário Valente